

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS VII - CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

**RELAÇÕES DE GÊNERO E À DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CODÓ-MA

2019

RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

**RELAÇÕES DE GÊNERO E À DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão- UFMA - Campus VII - Codó, como requisito para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Franciele Monique Scopetc dos Santos.

CODÓ-MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Junior, Ronaldo Santos Ferreira.

Relações de Gênero e à docência masculina na educação infantil / Ronaldo Santos Ferreira Junior. - 2019.

37 p.

Orientador(a): Franciele Monique Scopetc dos Santos.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2019.

1. Educação Infantil. 2. Gênero. 3. Professor Homem.
I. Santos, Franciele Monique Scopetc dos. II. Título.

RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

**RELAÇÕES DE GÊNERO E À DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada no Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em
Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Franciele Monique Scopetc dos Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(Orientadora)

Gleiciane Brandão Carvalho
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(1º Examinadora)

Maria do Socorro Costa Quinzeiro
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
(2º Examinador)

Dedico essa pesquisa a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, aos meus pais pelo apoio e carinho de sempre. A minha Orientadora Prof^ª Dr. Franciele Monique por ter aceitado me orientar nessa pesquisa, e a todos os professores por todos os ensinamentos durante a graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar força e perseverança para não desistir de atingir os meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis, os quais pareciam ser intermináveis com tantas responsabilidades a cumprir, conseguindo com muita fé e dedicação realizar meus propósitos.

A meus pais Ronaldo e Rosimar, minha gratidão eterna por terem sonhado esse sonho comigo, me apoiando em todos os momentos.

As minhas irmãs Thayse Caroline e Thaylla Adrielle que estiveram em todos os momentos ao meu lado me dando amor e carinho. E aos meus sobrinhos Otávio Augusto e Luís Alfredo por trazerem sempre alegria aos meus dias.

A minha orientadora Franciele Monique, pela atenção e colaboração para a realização desse trabalho, pois foi uma pessoa de suma importância nessa fase final que sempre me apoiou e não me deixou desistir diante das dificuldades.

Aos professores reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas/irmãs que a UFMA me deu, minha galera do fundão que dividiram comigo todas as alegrias e angustias durante esse longo período de graduação, em especial Lucélia Caroline, Samara Cruz e Tercilia Silva por todo apoio.

Agradeço, a toda minha família e amigos por sempre me incentivarem a correr atrás dos meus objetivos, e a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho acadêmico.

RESUMO

O presente trabalho aborda as relações de gênero entre professores da educação infantil, considerando que atualmente predominam, principalmente na educação infantil, mulheres como professoras, fato este que vem sendo justificado por sua essência maternal ou laço maternal de cuidar de uma criança na educação infantil. Diante disso, o interesse pela pesquisa surgiu durante os estágios realizados na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, onde se percebeu a falta de professores do sexo masculino atuando nessas etapas da educação. A pesquisa é de caráter qualitativo, à medida que faz um estudo de caso, utilizando como técnica questionário semiestruturado, no qual será aplicado com três professores da rede pública de Codó/MA. Para fundamentação teórica, tivemos como principais autores Louro (2011), Lopes (2012), Scott (1998), entre outros. Este estudo permite compreender o porquê de os profissionais do sexo masculino optarem por outras áreas, abandonando a Educação Infantil, dificultando a busca de um novo olhar sobre esse profissional, já que são poucos os profissionais que escolhem atuarem nesta área, onde os que ali atuam tentam vencer as barreiras contidas na comunidade escolar como também com os pais de alunos e a sociedade como um todo.

Palavras-Chave: Gênero; Educação Infantil; Professor Homem.

ABSTRACT

The present work deals with the gender relations among pre-school teachers, considering that presently women predominate, especially in child education, women as teachers, a fact that has been justified by their maternal essence or maternal bond of caring for a child in early childhood education. Faced with this, the interest for the research appeared during the stages realized in the infantile education and in the first years of the elementary school, where it was perceived the lack of male teachers acting in these stages of the education. The research is qualitative, as it makes a case study, using as a semi-structured questionnaire technique, in which it will be applied with three teachers from the Codó/MA public network. For theoretical reasons, we have as main authors Louro (2011), Lopes (2012), Scott (1998), among others. This study allows us to understand why male professionals opt for other areas, abandoning Early Childhood Education, making it difficult to find a new look about this professional, since few professionals choose to work in this area, where those who work there try to overcome the barriers within the school community as well as the parents of students and society as a whole.

Keywords: Gender; Early Childhood Education; Teacher Man.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A “NATURALIZAÇÃO” DO CURSO DE PEDAGOGIA COMO UM ESPAÇO (EXCLUSIVAMENTE) FEMININO	12
2.1 Uma questão de gênero	14
2.2 Um pouco da história da educação infantil.....	15
2.3 As concepções pedagógicas: cuidar e educar	17
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA: caracterização da pesquisa de campo	18
4 ITINERÁRIOS NA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE	29
ANEXOS.....	31

1 INTRODUÇÃO

No passado o currículo era reflexo de uma sociedade totalmente dominada pelos homens que com decorrer do tempo foi sendo desenvolvida uma educação que levasse em conta também valores femininos. Na atualidade a educação em todas as suas etapas é composta em sua grande maioria por mulheres, acontecendo com mais incidência nas séries iniciais, onde se produz uma desigualdade de gênero, existindo preconceitos produzidos culturalmente, sendo maioria na educação infantil, cujo pensamento é de que só as mulheres são capazes devido a sua essência maternal ou laço maternal de cuidar de uma criança na educação infantil, época esta que exige a necessidade de cuidados corporais, como diz Sayão (2005, p.16):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

Podemos perceber que esse é um curso preponderantemente feminino, tendo em vista as representações culturais que associam o cuidado e a educação de crianças às mulheres.

Levando em consideração que nossa sociedade vem realizando investimentos distintos na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres. Desde a infância é possível identificar quais são os brinquedos, brincadeiras, cores, condutas e comportamentos aconselháveis e permitidos para garotos e garotas.

Isso não é notável apenas na infância, mas essa relação de gênero ocorre até na hora da escolha profissional, é notável o número pequeno de professores do gênero masculino atuando na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A presença masculina no curso de Pedagogia se caracteriza como uma resistência, confrontando os discursos sociais e culturais, permeados pelas relações de gênero e poder, que instituem a docência para crianças como uma opção (exclusivamente) feminina.

O interesse pela pesquisa surgiu durante as experiências ocorridas nos estágios realizados na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, onde foi perceptível a falta de professores homens atuando nessas escolas como educadores, o que me causou estranheza e interesse pelo tema.

A investigação deste tema contribui para entender se existem resistências desses homens quanto a essa ação, podendo ainda anular alguns conceitos relativos ao homem atuar com crianças, uma vez que este recebe a mesma formação que uma mulher e pode realizar as

mesmas tarefas, inclusive o ato de cuidar nos primeiros meses de vida da criança. É oportuno dizer que quanto mais se falar sobre este assunto e explicá-lo, provavelmente os homens poderão se interessar mais pela área da Pedagogia, a comunidade escolar poderá aceitar com maior facilidade a atuação de homens na Educação Infantil e, conseqüentemente, haverá mais professores do gênero masculino atuando nessa etapa da Educação Básica.

O primeiro capítulo deste trabalho traz uma discussão teórica a respeito da temática, e de como aconteceu essa naturalização do magistério e da educação infantil como um espaço exclusivamente feminino, trazendo assim alguns conceitos de gênero e das duas concepções pedagógicas, o cuidar e educar, que foram sempre discutidos ao longo da pesquisa.

O segundo capítulo traz a caracterização e o tipo de pesquisa que é utilizada para a elaboração desse trabalho, sendo ela uma pesquisa de caráter qualitativo, um estudo de caso, que será utilizando como ferramenta o questionário semiestruturado. E no terceiro e último capítulo traz uma discussão realizada a discursão dos questionários com autores que tratam da temática.

2 A “NATURALIZAÇÃO” DO CURSO DE PEDAGOGIA COMO UM ESPAÇO (EXCLUSIVAMENTE) FEMININO

A Educação Infantil foi historicamente constituída como um espaço de predominância do gênero feminino, sendo que um dos motivos refere-se ao fato de que as mulheres há muitos anos foram associadas ao ato de cuidar e educar, conforme Araújo e Hammes (2012). Diante deste pensamento, tal atividade não deveria ser exercida pelo homem, já que seu papel na sociedade não está ligado ao cuidado, papel esse atribuído as mulheres.

Para que esse cenário seja analisado, é válido recorrer ao histórico da docência no Brasil, no qual o processo de “feminização do magistério” ocorreu de maneira gradual, porém, significativa no decorrer dos séculos. Em relação a essas transformações,

[...] no Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por esses irmãos (e a grande maioria daquelas que se organizam a partir de outras ordens religiosas) constituem-se, pois, num espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar. É importante notar que esse modelo de ensino permanece no país por um longo tempo, mesmo depois de oficialmente afastado, ao final do século XVIII (LOURO, 2011, p. 98.).

A partir da metade do século XIX, com as emergentes transformações sociais de um país recém independente, as instituições escolares brasileiras e seus docentes passam a adotar um “novo estatuto de escola”, inspirado nos recentes processos de urbanização da nação (*Ibid*, 2011). Nesse período, o magistério se tornará “uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação” (*Ibid*, p. 99).

Assim, podemos afirmar que o Ensino Fundamental foi pensado por homens e durante muito tempo a figura masculina prevalecia nas escolas no papel de professor. Gradativamente essa realidade foi se modificando, as mulheres começaram a ocupar o mercado de trabalho, especialmente à área da educação, resultando no que ficou conhecido como processo de feminização do magistério, conforme afirma Louro (2012) e Gonçalves (2009).

No começo do século XX, o caráter feminino do magistério infantil se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria do professorado já era essencialmente feminino (VIANNA, 2002). Ao analisar essas transformações que permearam a trajetória da docência em nosso país, *Ibid* (2002, p. 85) pondera que,

[...] desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral.

A participação feminina no mercado de trabalho cresceu bastante, especificamente na área da educação infantil, pois de acordo com Louro (2012, p. 450), o ingresso das mulheres como professoras era considerado uma extensão da maternidade,

Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e “naturais educadoras”. Portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha “espiritual”.

Com a maternidade ligada a educação escolar das crianças, foi um fator que contribuíram para que gradativamente os homens se afastassem da profissão, tornando o magistério uma área de atuação mais feminina. Gonçalves (2009, p. 42) ao comentar sobre o processo de feminização do magistério afirma que,

[...] outro fator histórico, econômico e social que influenciou na saída dos homens e na entrada das mulheres na área da educação diz respeito às representações sociais relativas à manutenção financeira do lar. No período em que as mulheres não trabalhavam fora de casa, os homens eram os provedores, responsáveis pelas obrigações do lar.

As questões salariais continuam sendo um dos fatores que justificam a ausência de homens no trabalho escolar com crianças, conforme Gonçalves (2009). No entanto as mulheres na atualidade também contribuem com o sustento de suas famílias, inclusive as que atuam na área da educação.

Assim, Friedrich Fröebel criou o primeiro Jardim de Infância por entender que as crianças eram como plantas que precisava ser cultivada e, nesse contexto, as mulheres tinham maiores aptidões para trabalhar com as crianças menores de 6 anos de idade.

De acordo com Amude e Silva (2008, p.170),

[...] era meta do educador a formação de mulheres, chamadas de jardineiras, para que pudessem trabalhar com as crianças. Ele acreditava que as mulheres eram naturalmente dotadas de todos os pré-requisitos necessários para a realização da

educação. Elas cuidavam das crianças tal qual se cuida de um jardim. Essa mulher devia ser também mãe, símbolo do afeto e do cuidado.

É interessante notar que mesmo o primeiro Jardim de Infância sendo idealizado por um homem, é a figura feminina que ele julga apta para trabalhar nesse ambiente educacional levando em conta suas relações de carinho e cuidado com as crianças. Assim, na Educação Infantil sempre houve a predominância de mulheres atuando como professoras e, nesse sentido,

[...] O que podemos notar é que, especialmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, são poucos os homens que atuam como docentes. Nesta perspectiva justamente numa fase da formação humana em que é importante haver o contato da criança com homens e mulheres. Apesar de que a própria sociedade talvez não tenha tanta facilidade em aceitar muitos homens trabalhando com crianças, devido às representações predominantes de que as mulheres é que têm maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo (GONÇALVES, 2009, p.13).

Não é levado em consideração o fato de o homem ter as mesmas habilidades e capacidades para cuidar e educar as crianças, pois os homens quando pai tem as mesmas responsabilidades que a mãe, em relação ao cuidado com o filho e a educação, então sendo esse um papel de ambos, independente do gênero.

2.1 Uma questão de gênero

É importante notar que esta visão de maternidade está fortemente ligada às representações de gênero onde a mulher por estar habituada a serviços domésticos e ao cuidado com as crianças, pode também desenvolver o mesmo papel nas salas de aula.

Para isso precisamos conhecer uma breve conceituação de gênero, pois utilizaremos para entender a atuação masculina em uma área vista como feminina. Para Scott (1998, p.75), “[...] o termo gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos [...] tornando-se uma forma de indicar construções culturais, ou seja, a concepção da sociedade do que seriam os papéis ideais de homem e mulher”. Sabemos que desde pequenos nos é apresentado formas de como devemos nos comportar, de acordo com o nosso sexo: masculino ou feminino. Segundo Lopes (2012, p. 173):

[...] para a organização do mundo, a cultura reproduz representações do feminino e do masculino, que passam a ser percebidas como naturais e a contribuir para a conservação das relações de dominação vigentes.

Com isso, percebemos que não se trata de forças sobrenaturais e poderosas que agem na vida das pessoas dizendo o que elas têm ou não que ser ou fazer, mas sim de atos que solidificam o senso comum, pois à medida que os outros agem de uma forma, parece que o restante também tem que agir da mesma maneira.

No passado o termo gênero foi designado por feministas, segundo Scott (1998), como forma de garantir o espaço das mulheres, para que elas obtivessem apoio e que as relações de dominação deixassem de existir. No entanto, ainda hoje existe esta ideia de superioridade, tais fatos nos levam a refletir que homem e mulher não devem ser compreendidos separadamente, pois a história de um faz parte da do outro.

Por este viés, Lopes (2012) destaca que somos testados em nossa relação homem e mulher o tempo todo, desde quando nascemos até quando chegamos à escola. A instituição educativa deveria ser um espaço neutro, que não influenciasse as opiniões relativas à gênero ou qualquer outra relação entre os seres, mas geralmente não é assim que ocorre. Neste espaço muitas vezes são criados estereótipos que ficam nas mentes por muito tempo estabelecendo situações de preconceito. *Ibid* (2012, p. 181) também salienta que,

[...] a escola contribui para a reprodução e legitimação das relações de poder desiguais entre os gêneros, pois inconscientemente reforça que há um tipo de comportamento e de postura que é reservado e estimulado aos meninos, mas que, ao mesmo tempo, é vedado e coibido as meninas.

Assim, desde pequenos somos condicionados a fazer tudo o que a sociedade acredita que está implícita até na decisão sobre qual profissão se deve escolher, pois se as pessoas fogem aos padrões do que está indicado pela sociedade acaba por gerar estranheza. Como exemplo disso, podemos mencionar o fato de um homem atuar como docente em turmas de educação infantil.

2.2 Um pouco da história da educação infantil

As creches são frutos da revolução industrial. No Brasil com o crescimento da urbanização e estruturação do capitalismo, surge à grande necessidade de se ter um local onde se poderiam deixar os filhos, para que não ficassem sozinhos durante o trabalho de suas mães, que eram operárias e domésticas que necessitavam de trabalhar para contribuir com o sustento familiar, as quais fizeram protestos, reivindicando melhores condições de trabalho e creches, logo conseguindo esse espaço, pois os donos das fábricas resolveram conceder as creches para

enfraquecer os protestos, mas logo viram que as operárias satisfeitas trabalhavam melhor, e assim a produção era maior.

As creches era improvisadas, sem nenhum tipo de embasamento teórico ou amparo por lei dessas crianças de 0 a 6 anos. Esse ambiente então passa a ter características femininas, devido às questões culturais, pois só as mulheres tinham essa capacidade maternal de cuidar de crianças tão novas e já aos homens destinavam-se os trabalhos braçais, tidos como provedores do lar.

No governo de Getúlio Vargas, em 1943, ocorreu uma modificação na Consolidação das Leis trabalhistas (CLT); onde determinava que cada empresa seria responsável por organizar berçários para que as mães amamentassem seus filhos no trabalho, durante o período de aleitamento, mas nem todas as empresas cumpriram essa lei, pois não havia fiscalização por parte do governo.

O surgimento do termo pré-escola veio com a Lei 5692, formulada no ano de 1971, onde as crianças menores de sete anos deveriam ser amparadas por jardins de infância, escolas maternas, e instituições equivalentes. Sendo que o desenvolvimento cultural variava conforme o grupo social a quem a creche atendia, pois as crianças de classe elevada tinham como objetivo a ampliação do cognitivo dentro de um ambiente que promovesse esse estímulo e já as crianças da classe pobre permanecia sem proposta educativa, mas com o cuidar e assistir prevalecendo.

Na década de 1980 dá-se um avanço em relação a Educação Infantil. Estudos e pesquisas foram realizados com objetivo de discutir a função da creche/pré-escola. Foi concluído que, independente da classe social, a educação da criança pequena é extremamente importante e que todas deveriam ter acesso a ela.

O ambiente escolar com o passar dos tempos vai sofrendo mudanças, passando a sofrer influências femininas, contribuindo para o rompimento do pensamento machista que dominava a educação, como também a sociedade da época, onde as mulheres eram excluídas, já nos dias atuais a educação é dominada pelo sexo feminino, deixando de lado em algumas etapas da educação, os homens.

Com a promulgação da constituição brasileira de 1988 a Educação Infantil passa a ter um capítulo com direito das crianças de 0 a 6 anos, já na década 1990 surge o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que contribuiu para implementar as políticas públicas para a educação infantil, surgindo alguns anos depois a LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) 9394/96, a qual vem a definir a educação infantil como sendo a primeira etapa da educação básica.

A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados. Precisamos ter consciência de que podemos preparar nossas crianças desde muito cedo para o exercício da cidadania.

No Brasil considera-se como educação infantil o período de vida escolar em que se atende, pedagogicamente, crianças com idade entre 0 e 5 anos e 11 meses.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chama o equipamento educacional que atende crianças de 0 a 3 anos de creche (BRASIL, 1996). O equipamento educacional que atende crianças de 4 a 6 anos se chama “pré-escola”. Em 1996, a LDB, no artigo 62, em nenhum momento na Lei referente a educação infantil determina que o professor do sexo masculino não deverá exercer essa função. Deixa clara a exigência de serem professores habilitados, como diz abaixo: Professores habilitados para atuar na educação infantil:

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996).

Abrindo, então, um campo de trabalho para os homens, pois passou a ter concursos públicos, os quais não determinavam que só o sexo feminino pudesse trabalhar com as crianças na educação infantil, mas sim profissionais formados para aquela função.

2.3 As concepções pedagógicas: cuidar e educar

Existem concepções pedagógicas essenciais em relação ao educar e cuidar na educação infantil, propostas essas que podem variar de acordo com as instituições escolares, pois muitas delas dão ênfase ao cuidar e deixam um pouco de lado o educar.

Mas podemos observar que cuidado e educação devem caminhar juntos e o cuidar exige uma ampla junção de conhecimentos, que valorizem e auxiliem a criança em seu desenvolvimento. Assim, para cuidar é preciso estar comprometido com o outro, estabelecer vínculo com a criança, ganhar a sua confiança, ensiná-la a reconhecer as suas necessidades, dar atenção, se interessar por aquilo que elas gostam para então promover a autonomia na criança (BRASIL, 1998).

Sayão (1996) fala que as crianças precisam de cuidados básicos, pois dependem dos adultos, mas que é preciso educar, pois são cidadãs e tem o direito de ter acesso ao conhecimento.

É preciso cuidar das crianças que ainda são dependentes dos adultos no que diz respeito a cuidados básicos, como a alimentação, a higiene, o vestuário. É preciso também educar essas crianças porque são cidadãs e não podem ser privados do direito inquestionável de ter acesso ao conhecimento, socialmente produzido e expresso pela cultura (SAYÃO 1996, p 15).

As brincadeiras tem uma grande importância durante as aulas, fazendo parte das práticas pedagógicas na Educação infantil, mas que em muitas vezes são deixados um pouco de lado, dando-se mais importância ao aspecto intelectual e cognitivo, em detrimento de outros aspectos considerados mais importantes.

Kishimoto (2001, p. 238) ressalta que:

As brincadeiras livres são vistas por alguns professores como descanso de atividades dirigidas e não como forma de socialização e integração da criança, o que dificulta justificá-las como parte do projeto pedagógico da escola. Se, para os professores, o parque serve para a criança descansar e brincar e a sala de atividades para estudar e trabalhar define-se então a função da educação infantil: estudar.

A brincadeira infantil ocupa um aspecto muito importante, pois é através do brincar que as crianças se socializam e se integram, construindo conhecimentos sobre a realidade que as cercam como também sobre si mesmos durante seu processo de desenvolvimento nessa fase da infância, ao contrário de muitos educadores que veem a brincadeira como forma de passar o tempo ou recreação e em muitas vezes aplicando outros tipos de atividades que em suas concepções de aprendizagens parecem mais eficazes.

Podemos constatar que em nenhum documento não trazem nada que restrinja a atuação masculina com o cuidado com crianças. Pelo contrário, ressalta a importância de uma boa formação e da atenção que pode ser dada a criança durante este período para que realmente a ela seja garantido um bom desenvolvimento, independentemente de ser homem ou mulher o profissional que irá atuar com as mesmas.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA: caracterização da pesquisa de campo

De acordo com Gatti (2012), o ato de pesquisar refere-se ao fato de sempre estarmos procurando descobrir algo novo, assim, pode-se dizer que estamos constantemente em contato com a pesquisa, já que estamos sempre em busca de alguma informação ou procurando soluções para os problemas do nosso cotidiano. Desse modo, o ato de pesquisar requer procedimentos metodológicos específicos, dependendo do que se quer saber, pois quem pesquisa procura explicar alguma coisa, mas para isso se além de algoritmos para se chegar a

determinado fim, dessa forma, adota-se um conjunto de medidas, partindo de um enfoque, uma base teórica que norteia a atividade investigativa. Galiuzzi (2011) compreende que além de uma pesquisa ser realizada por meio de vários instrumentos, conta com a contribuição de uma comunidade argumentativa para sua elaboração e discussão da problemática apresentada. Nesse sentido, o pesquisador se coloca como o primeiro convidado a refletir sobre tal problemática e buscar meios de chegar a uma conclusão, e é justamente nessa direção que aparecem seus interlocutores, que auxiliam nessa busca por respostas.

Dentro do campo das ciências humanas e sociais, há o embate entre duas visões metodológicas, no tocante à realização de pesquisa científica. A metodologia, de um modo geral, está norteada por duas vertentes, métodos qualitativos e métodos quantitativos. Tanto os qualitativos quanto os quantitativos devem ser delineados em ordem de alcançar os objetivos propostos, produzindo resultados que podem confirmar ou negar as hipóteses lançadas.

Uma delas é a que trabalha com os métodos quantitativos, adotando uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando determinados resultados. Essa visão é chamada de Positivismo.

O outro posicionamento metodológico para se fazer pesquisa é o que defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como objeto os seres humanos aos métodos qualitativos, sendo chamado de interpretacionismo. Os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa são chamados de interpretacionistas e afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas.

Os métodos qualitativos descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas através de números, nomeando-se como uma pesquisa descritiva. Todas as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente (FERNANDES, 2009). Este tipo de metodologia é empregada com mais frequência em pesquisas de natureza social e cultural com análise de fenômenos complexos e específicos

Os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa, então, são do tipo etnográfico como, por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, questionário semiestruturado, dentre outros.

Há um conflito entre os positivistas e os interpretacionistas, com relação à cientificidade ou não dos métodos de pesquisa que cada um defende. Para os primeiros, a pesquisa qualitativa é considerada subjetiva e não científica, uma vez que não opera com dados matemáticos que permitem descobrir relações de causa e efeito no tratamento estatístico. Já para os segundos, os interpretacionistas, o estudo da experiência humana deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos.

Muito provavelmente, o embate entre essas duas posições epistemológicas se estenderá por anos. A tradição quantitativa ainda permeia os estudos nas ciências humanas e sociais, considerando a pesquisa qualitativa impressionista, não objetiva e não tendo um caráter científico. Todavia, “[...] e com grande dificuldade, a pesquisa qualitativa vai abrindo seus próprios caminhos” (MOREIRA, 2002, p. 43).

Portanto, essa pesquisa será de estudo qualitativo, tendo como base no estudo de caso, seguindo os subsídios teóricos de Lüdke e André (1986, p. 13). Segundo as autoras, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso “vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola”.

De acordo com Rodrigues (2007), os métodos de pesquisa usualmente adotados para coleta de dados incluem técnica de elaboração e avaliação de entrevistas, observação, questionário contendo perguntas abertas, perguntas fechadas e de múltiplas escolhas e formulários, e estes são adotados pelo pesquisador baseado no tipo de pesquisa a ser realizada

Conforme Lüdke e André (1986, p. 13), o estudo de caso vai estudar um único caso. O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. As autoras ainda nos elucidam que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

Tal estudo de caso apresenta características fundamentais que são destacadas pelas mencionadas autoras. Essas características são as seguintes:

- 1 – Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
- 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20).

Percebemos que todas essas características apontam para um estudo que se preocupa com a constante reformulação dos seus pressupostos, uma vez que o conhecimento nunca está pronto. Vemos também que a compreensão de determinado objeto será auxiliada, levando-se em conta o contexto em que acontece. Os fatores externos também podem ajudar na apreensão e interpretação da problemática estudada.

A preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. Utilizando para isso, fontes para coleta de dados, dentre elas o questionário semiestruturado, o qual será utilizado nesta pesquisa. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido:

Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Em relação ao percurso metodológico do estudo de caso, ou como fazer um estudo de caso, André (2008, p.47), preleciona que, via de regra, essa metodologia cumpre três fases distintas: fase exploratória, fase de coleta de dados e fase de análise dos dados.

É importante acrescentar que essas três fases não constituem uma sequência linear, havendo uma superposição entre elas. Não há como precisar um instante de separação, uma vez que elas “se interpolam em vários momentos, sugerindo apenas um movimento constante no confronto teoria-empíria” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 23).

Já as técnicas mais utilizadas para coleta de dados são através da observação dos fenômenos, entrevistas com população alvo do projeto de pesquisa, questionários com perguntas abertas, ou fechadas ou ainda de múltipla escolha, medição de opinião, documentos, trabalhos científicos publicados e ainda história contata por outros (FERNANDES, 2003).

Moreira (2002) aborda as características básicas dessa metodologia, apresentando um sumário com seis itens, não pretendendo esgotá-las. Para ele, a pesquisa qualitativa inclui: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de

que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Triviños (1987, p. 128-30), quando trata desse tema, apresenta as contribuições de Bogdan que indica as seguintes características para a pesquisa qualitativa, semelhantes às apresentadas por Moreira (2002); ambas se complementam:

- 1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3ª) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4ª) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5ª) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa (MOREIRA, 2002, p.28).

Todas essas peculiaridades elencadas da pesquisa qualitativa são possíveis de serem percebidas num estudo qualitativo que contemple o ambiente escolar. Por isso a pesquisa foi dividida em dois momentos, primeiro foi a ida as escolas a procura do público da pesquisa, se tinham disponibilidade para participar, conhecer um pouco sobre seu lugar de trabalho, e o segundo momento foi o da aplicação do questionário semiestruturado, o qual tinha perguntas para saber sobre seu papel de atuação, dificuldades, estereótipos ligados ao professor homem atuando com crianças, respostas essas que serão discutidas no próximo capítulo.

4 ITINERÁRIOS NA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os questionários semiestruturado foram aplicados em três escolas de educação infantil da rede pública de Codó/MA, dentre elas, as escolas: CMEI Maria Luiza Araújo Silva, localizada na Rua Frei Henrique de Coimbra S/N, bairro São Vicente Pallote, a escola possui 06 salas, 15 professores, e funciona durante o turno matutino e vespertino, apenas com turmas de educação infantil, o Projeto Político Pedagógico (PPP) está em andamento; CMEI Agenor Monturil, localizada na Rua Agenor Monturil, Bairro São Sebastião, a escola foi fundada no ano de 1983, passou um longo tempo desativada e só voltou a funcionar no ano de 2010. A mesma possui 03 salas, nas quais no turno matutino funcionam pré I, e II, e no turno vespertino 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental. A escola tem 4 professores, e está com o PPP em processo de conclusão; e CMEI Lucia Maria Bayma Araújo, localizada na Praça Bayma Serra, bairro Codó Novo, a escola foi fundada no ano de 1985, possui 06 salas, 15 professores, funciona nos turnos matutino e vespertino apenas com Pré I e II, com um número de 240 alunos, a mesma tem PPP.

A partir desse ponto, considerando os caminhos históricos que foram se consolidando para o caráter feminino da docência no Brasil, retomamos uma questão emergente das entrevistas com professores homens que explicitam a naturalização do curso de Pedagogia como um espaço (exclusivamente) feminino. A pesquisa foi realizada através de questionário semiestruturado a qual tinha perguntas para saber qual o perfil desse professor, e três perguntas subjetivas: *1- Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina? 2- Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil? 3- Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?.*

Foi difícil encontrar os sujeitos para a realização da pesquisa, pois o número de professores homens atuando na educação infantil é muito pequeno, para isso, realizei uma pesquisa na Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação de Codó (SEMECTI) para saber a quantidade e em quais escolas eu poderia encontrar esses professores, mas a supervisora da educação infantil me relatou que não tinha esse controle, mas que conhecia apenas 03, sendo esses os sujeitos da referente pesquisa. Foram entrevistados dois professores que atuam na educação infantil, pré I e outro no pré II, e um professor que já atuou na educação infantil, mas atualmente está atuando como coordenador pedagógico. Os professores autorizaram que seus nomes fossem utilizados nesta pesquisa, os

mesmos tem idade entre 35 e 44 anos, tendo entre 5 e 8 anos atuando em sala de aula da educação infantil, e todos tem formação em Licenciatura em Pedagogia.

Em relação a primeira pergunta: ***1- Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina?*** Os professores responderam:

“Quando criança já tinha o discernimento que queria ser professor, pois já gostava de brincadeiras onde eu sempre era professor. Identifico-me com a primeira infância”. (Francisco-Coordenador Pedagógico)

“Um dos principais fatores foi por ser a base da educação nacional. Pois atuar na educação infantil é educar com amor, carinho, tornando-nos eternos aprendiz”. (Benicio-Pré II)

“Sempre trabalhei no ensino fundamental, mas diante de vários relatos positivos em relação a educação infantil tomei a decisão desafiadora de trabalhar na educação infantil”. (Edson-Pré I)

Podemos perceber que todos os professores sempre tinham o desejo de trabalhar na educação infantil, algo esse que é bem difícil, pois a educação infantil ainda é uma área muito ocupada pelas mulheres, e os homens sempre procuram atuar em áreas de poder, como supervisão escolar e direção.

2- Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil?

“Uma das maiores dificuldades foi a aceitação das famílias. Outra dificuldade é fazer a higiene das crianças que ainda precisam de auxílios”. (Francisco-Coordenador Pedagógico)

“A maior dificuldade é o preconceito devido ao sexo e o cuidar referente as necessidades fisiológicas das crianças”. (Benicio-Pré II)

“As maiores dificuldades que enfrentei foram em decorrência da falta de experiência na educação infantil” (Edson –Pré I)

Podemos perceber que as maiores de dificuldades em que os professores encontram em sala de aula é a aceitação por parte da família e do corpo docente, a questão do cuidado em relação a higiene das crianças que ainda precisam de auxílio, e a falta de experiência.

Essas relações de cuidado com a higiene na Educação Infantil, principalmente a hora do banho, são polêmicas, nos remetendo novamente as questões de gênero que são culturais, em que o homem não tem habilidades necessárias para cuidar de uma criança. Neste sentido, Sayão (2005) enfatiza que o cuidado é visto como uma atividade estabelecida pela sociedade, por meio de uma ação relacional que não envolve capacidades inatas, mas sim fatores

essenciais às relações culturais que se formam com o cuidado na trajetória das diferentes experiências tanto masculinas como femininas.

3- *Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?*

“Sim. Preconceitos esses já superados”. (*Benicio-Pré II*)

“Sim, por parte de vários setores da sociedade, mas principalmente por professores e pais de alunos”. (*Edson –Pré I*)

“Sim, já fui vítima de preconceito. Certa vez uma mãe solicitou a gestora da escola a troca da sala de sua filha, só porque eu era do sexo masculino e era professor regente”. (*Francisco-Coordenador Pedagógico*)

Todos os professores já passaram por preconceito, por parte da escola e dos pais, algo que é inaceitável, pois os homens tem as mesmas capacidades de cuidar e educar de crianças, levando em consideração que o professor enquanto homem sempre tem que está provando suas reais intenções em atuar com crianças, pois eles sempre são vistos com olhos de desconfiança, pois além do curso de Pedagogia ser considerado essencialmente um curso feminino, o campo da escola também é visto como um espaço profissional feminino. Tal condição é reforçada tanto pelos os profissionais da escola quanto pela a família dos alunos que veem nos professores do sexo masculino o “fantasma da pedofilia”, isto é, perigo na relação com as crianças pequenas, como o banho de meninos e meninas na Educação Infantil (SANTOS; CASTRO, 2015). Assim, essa relação é vista, na maioria das vezes, com desconfiança e medo, no qual o professor, para reverter essa situação, precisa realizar as suas atividades em lugares no qual outras pessoas podem observar, e, sobretudo, oferecer provas de que, além da competência profissional, o mesmo é uma pessoa com moral e ética (*Ibid*, 2015).

Como já citado por Gonçalves (2009), durante esse período de formação da criança é muito importante o contato da criança com homens e mulheres, mas a sociedade ainda não aceita que o homens assumam esse papel, pois ainda veem a educação infantil como uma continuação da maternidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com nossos movimentos de pesquisa e inquietações, buscamos contribuir para a ampliação de debates que provoquem a desconstrução de ideias cristalizadas, de verdades absolutas e de funções naturalizadas. A necessidade de se pensar e promover discussões sobre gênero no processo de formação de professoras e professores se consolida como uma conquista curricular que possibilita a mudança de atitudes e concepções na prática docente. Esta é uma área que necessita de pesquisas e debates a respeito da temática, pois foi perceptível o quanto a sociedade ainda é preconceituosa com professores do sexo masculino atuando na educação infantil, sendo que o mesmo tem a mesma competência e formação.

Portanto, destacamos a relevância desses espaços curriculares que possibilitam a discussão, produção e difusão de conhecimentos sobre as questões de gênero, entre eles a problematização da eminência feminina na graduação em Pedagogia e nas salas de aula. Esperamos que os nossos empenhos na construção dessa pesquisa possam contribuir para a manutenção de uma insatisfação constante, nos possibilitando refletir, pesquisar e discutir a temática proposta, sobretudo no que concerne à construção de uma prática docente não sexista, não machista, não racista e não homofóbica.

REFERÊNCIAS

- AMUDE, A.M; SILVA, G. B. Os jardins-de-infância: um estudo sobre a formação do ser humano a partir dos postulados de Friedrich Froebel. **Teoria e Prática da Educação**, v.11, n.2, maio/ ago., 2008, p.168-172.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**: Editora Liber Livros: Brasília, 2008, p.47. (Série Pesquisa: Vol. 13)
- ARAÚJO, P. M.; HAMMES. C. C. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v. 3, n. 7, 2012, p. 5-20.
- FERNANDES L. A.; Gomes, J. M. M. **Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais**: Características e modalidades de investigação. Contexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003.
- GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. Ed. Ver. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- GATTI, Bernardete Angelina. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.31, n. 113, p. 1355 –1379, out. –dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 07/06/2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.
- KISHIMOTO, TizukoMorchida. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**: São Paulo, 2001. v.27, n.2.
- LOPES, D. H. Cultura e relações de Gênero: A Construção dos Papéis masculinos na Escola. Desigualdades e Preconceitos: Reflexões Sobre Relações Étnico-Raciais e de Gênero na **Contemporaneidade**. Campo Grande-MS: Editora UFMS. 2012. P.167 a 187.
- LOURO, G. L. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE. M. D.; PINSK. B. C. (Orgs). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.SAYÃO, D.T.A. Educação Física na pré-escola: da especialização disciplinar á possibilidade de trabalho pedagógico integrado, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Centro de ciências da educação da UFSC. Florianópolis, SC.
- LOURO. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**, 2007. Disponível em: <http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 07/06/2019.

SAYÃO, D. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creche. 2005. 247 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2005.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez. 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero na docência. Cadernos Pagu (17/18), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2002/02, p.81-103.

APÊNDICE**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS CODÓ****LICENCIATURA EM PEDAGOGIA****DISCENTE: RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR****PESQUISA DE MONOGRAFIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E O DOCENTE
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nome: _____

Escola: _____

Idade: _____

Serie que atua: _____

Tempo de serviço: _____

Formação: _____

1. Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina?

2. Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil?

3. Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS CODÓ
 LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
 DISCENTE: RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

PESQUISA DE MONOGRAFIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E O DOCENTE
 MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nome: FRANCISCO DAS CHAGAS BENICIO MARQUES FILHO
 Escola: CMEI MARIA LUIZA ARNÚJO SILVA
 Idade: 35 ANOS
 Serie que atua: PRÉ-2
 Tempo de serviço: 5 ANOS
 Formação: SUPERIOR EM PEDAGOGIA

1. Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina?

Um dos principais fatores foi por
ser a base da educação nacional.
Pois atuar na Educação Infantil
e educar com amor, criando
formando-nos eternos aprendizes.

2. Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil?

A maior dificuldade é o preconceito
levado ao sexo e o cuidar
represente as necessidades psicológicas
das crianças.

3. Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?

Sim. Preconceito esses já superamos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS CODÓ

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DISCENTE: RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

PESQUISA DE MONOGRAFIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E O DOCENTE
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nome: EDSON SOUSA DE LIMA

Escola: AGENOR MONTURIL

Idade: 44 ANOS

Serie que atua: PRÉ-1

Tempo de serviço: 5 ANOS

Formação: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

1. Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina?

SEMPRE TRABALHEI NO ENSINO FUNDA-
MENTAL, MAS DIANTE DE VÁRIOS RELATOS
POSITIVOS EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO
INFANTIL TOMEI A DECISÃO DESAFIADORA
DE TRABALHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

2. Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil?

AS MAIORES DIFICULDADES QUE ENFREI
FORAM EM DECORRÊNCIA DA FALTA
DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

3. Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?

SIM, POR PARTE DE VÁRIOS SETORES DA
SOCIEDADE, MAS PRINCIPALMENTE POR
PROFESSORES E PAIS DE ALUNOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS CODÓ

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DISCENTE: RONALDO SANTOS FERREIRA JUNIOR

PESQUISA DE MONOGRAFIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E O DOCENTE
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nome: Francisco Carlos Rodrigues Buz

Escola: CMEI Glória Maria Bayma Araújo

Idade: 42 anos

Serie que atua: Coordenador Pedagógico

Tempo de serviço: 8 anos

Formação: bicenciatura em Pedagogia

1. Quais fatores fizeram você escolher atuar na educação infantil, área essa que é considerada como feminina?

Quando criança já tinha o discernimento
que queria ser professor, pois já gostava de
brincadeira e de eu sempre era professor.
Identifico-me com a primeira infância.

2. Quais as maiores dificuldades que você encontra como professor homem atuando na educação infantil?

Uma das maiores dificuldade foi a aceitação
das famílias.
Outra dificuldade é fazer a higiene das crian-
ças que ainda precisam de auxílios;

-
-
-
3. Você já sofreu, viu, ou sentiu algum tipo de preconceito por ser um professor homem atuando na educação infantil?

Sim, já fui vítima de preconceito. Certa vez uma mãe solicitou a gestão da escola a troca da sala de sua filha, só porque eu era do sexo masculino e era o professor regente.
